

VERNA CULUM

UM POUCO DE LUZ NAS TREVAS:
ENTREVISTA COM ANA PAULA MAIA



UM POUCO DE LUZ NAS TREVAS

Entrevista com Ana Paula Maia

Por Leonardo Barros Medeiros

Ana Paula Maia, nascida no Rio de Janeiro, é autora dos romances *O habitante das falhas subterrâneas* (7 letras, 2003) e *A guerra dos bastardos* (Língua geral, 2007).

Tem contos publicados em diversas antologias, entre elas *25 Mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira* (Record, 2004) e *Sex'n'Bossa* (Mondadori, Itália, 2005). Em 2006 publicou o primeiro folhetim pulp da Internet brasileira em 12 capítulos. A obra, *Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos*, ganhou edição em papel, também pela Record, em 2009, com direito a um capítulo inédito. *Carvão Animal*, seu próximo romance, será lançado em abril de 2011.

Vernaculum: É das clássicas perguntas para os escritores saber qual é a formação literária, quais as escolas e autores que leram e leem, como se dá o processo de criação etc. Não ficaremos de fora! Afinal tudo o que é clássico não sai de moda, não é?

“

Sentem o cheiro de feijão cozinhando, temperado com coentro, linguiça, pé de porco e carne-seca, mistura do ao cheiro vindo detrás de outra porta, molho de tomate apimentado. Tocam a campainha e surpreendem-se ao ouvirem o hino da França ser reproduzido ao contrário de

”

um sonoro dim-dom.

In: A guerra dos bastardos

Li Julio Verne, Dostoiévski, John Fante, Platão, Nelson Rodrigues, Campos de Carvalho, Kafka, entre outros. Li um pouco de quase tudo e nem de quase tudo gostei. Ainda há muito o que ler. Escrever é uma vontade que está na minha alma, no meu coração e nos meus pensamentos. Estou sempre escrevendo mentalmente. É um processo permanente. A literatura na minha vida é o mesmo que a minha sombra, basta um pouco de luz nas trevas e ela aparece.

Vernaculum: *Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos* (2009) foi primeiramente publicado em folhetim em seu blog (www.killing-travis.blogspot.com). Antes de o livro sair, a crítica já anunciava que “todo cuidado com a Ana Paula é pouco” (RESENDE, 2008:144). Para você, como foi a consagração da obra antes mesmo dela sair em papel? Como você lida com a crítica extensa de *Entre rinhas*? De certa forma ela afeta sua produção literária?

Publiquei o Entre rinhas na internet em formato folhетinesco, dividido em 12 capítulos semanais, entre janeiro e abril de 2006. Gosto de histórias seriadas e por isso fiz esta experiência. Enquanto publicava esta novela

na internet, buscava editora para publicar o meu segundo romance, A guerra dos bastardos, o que aconteceu no final de 2006. Para a minha surpresa, saiu uma importante resenha crítica no jornal O Globo sobre este folhetim virtual também no mesmo período, apesar disso não ter motivado a editora a publicar o meu segundo romance. Os editores, em sua maioria, não acompanham a produção literária na internet. Isto é um fato. Acredito que seja pelo grande volume de trabalho dentro das editoras. Enfim, a crítica foi muito positiva para a minha carreira, e tão somente me impulsionou a seguir pelo caminho em que eu já percorria. Logo em seguida, escrevi O trabalho sujo dos outros, segunda parte da trilogia a Saga dos brutos e que está publicado na mesma edição de Entre rinhas.

Vernaculum: Pesquisas apontam para o enfraquecimento dos blogs como expressão literária. Você acredita que a publicação do livro ainda é a consagração do autor?

“

Fui até a cozinha e o pé da mesa estava do jeitinho que havia deixado. Peguei um bife bem gelado fiz dois buraquinhos pra enxergar, amarrei com um elástico e pronto. Uma máscara perfeita. Ficou parecido com o Dr. Hannibal, um lance meio psicopata, mas estava aliviando à beça a dor nos olhos apesar do cheiro. Sou bem criativo às

”

vezes.

In: O habitante das falhas subterrâneas

Nunca vi o blog como expressão literária, mas é um lugar para se publicar muitas coisas, inclusive literatura. Digo isto, pois usei a ferramenta blog para veicular a minha novela, que já estava pronta. Seria o mesmo que publicar num jornal ou revista, como era de costume no século XIX. Porém, para um novo autor, hoje em dia, ele não precisa implorar tanto por um espaço, que dificilmente ele consegue. Ele pode começar as primeiras publicações pela internet. Mas ainda assim, se ele pretende uma carreira, é importante publicar o livro impresso, evidente. Mas o autor só se consagra pela sua qualidade literária. Não existe publicação impressa por melhor e mais bem feita que seja, que faça milagre para um livro ruim.

Vernaculum: Dizem que *Entre rinhas* é comparado à obra de Tarantino pela quantidade de sangue que jorra das páginas. Creio que seria impossível escrever um texto sobre um abatedouro de animais sem sangue! Como você vê essa comparação? Ela é aceitável?

Ela é aceitável já que esse é uma das leituras possíveis do livro. A reação das pessoas com esse livro varia bastante. Alguns são capazes de perceber certas nuances que eu nunca mencionei, mas que estão lá. É impossível escrever

um texto sobre um abatedouro sem que haja sangue, ou um texto sobre um lixeiro, sem que haja lixo.

Nem há tanto sangue assim sendo jorrado das páginas de Entre rinhas, mas o que jorra, deve atingir alguns leitores. A última coisa que pensei quando escrevi este livro foi no sangue. Eu só queria contar a história de um sujeito chamado Edgar Wilson que abate porcos e em O trabalho sujo dos outros, a história de outro sujeito, que é lixeiro. É a história desses homens e os seus universos que são tão pesarosos.

Vernaculum: Certa vez numa aula no programa de pós-graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro você disse que a “função” da literatura era mudar o foco do olhar. Como isso se apresenta em suas obras?

“

Os corpos incinerados, não raro, quando moidos, permitem em suas cinzas detectar pequenos fragmentos que esses homens nunca descobrem o que são. Geverson apanha o objeto de volta e o coloca dentro de uma lata sobre a mesa contendo um punhado de outros pequenos objetos metálicos não identificados. Tira o avental e o pendura atrás da porta. Bate a possível poeira que possa existir sobre o corpo e estala os

”

dedos

In: Carrão animal

Quando me proponho a falar de certos ofícios, de certos indivíduos. Dificilmente os assuntos abordados na literatura do meu país me chama a atenção. Em geral, acho tudo morno. Antes de começar a escrever eu já achava, e hoje em dia, escrevendo, continuo achando. Sei que o meu caminho na literatura trilha por um lugar praticamente nunca tocado, ao menos, quase nunca. Quando escrevo, escrevo sobre o outro. O outro é o meu elemento de interesse, de aprofundamento. Não abomino o lugar comum, acho que ele causa conforto, é favorável, mas não é isso o que me motiva a escrever. A trilogia A saga dos brutos, trata principalmente sobre a amizade e o amor fraternal. E sobre homens e ofícios cuja coragem e destreza assustam. No Entre rinhas, a amizade dos protagonistas é evidente logo no começo. O sangue, a violência, e todo o resto é pano de fundo. Em O trabalho sujo dos outros, eu queria contar a história de um lixeiro. Um homem que é ex-presidiário e que vive recolhendo as imundícies da rua, toneladas dela e sua vida doméstica. Este homem tem um acerto de contas com o passado, algo que se desenrola ao longo da trama. E há um bode misterioso que terá uma função crucial neste desenrolar. Enfim... é um drama cheio de miséria, mas cheio de vida, de amizade, de perdão, de solidariedade e traz à tona alguns questionamentos bem pessoais, que sei que atinge a cada um de maneira distinta. Mas posso dizer que esta história é sobre a peregrinação mística de um homem enfrentando os seus demônios.

O lugar, o pano de fundo, é que não é nada comum. Isso é um dos pontos que se difere na minha obra.

Vernaculum: Você deu uma amostra de sua nova obra na *Bravo!* de janeiro. Pelo fragmento parece que a narrativa se desenvolve num necrotério. É isso? Como você se prepara para ambientar seus livros?

Se passa principalmente num crematório. Antes de começar a escrever um novo livro eu faço muitas pesquisas. Leio muitos artigos, em geral. Reportagens em diversos jornais do Brasil e do mundo. Quando encontro a história, começo a fazer pesquisas específicas. E isso leva mais tempo do que escrever o livro, propriamente dito. Em Carvão animal eu estudei apostilas sobre o fogo, tive de aprender o passo a passo de uma cremação e confrontar as informações com outras fontes. Mas eu adoro esta etapa. É quando tudo é possível. Você pode esbarrar com algo minúsculo que te trará um livro inteiro.

“

O homem fala por muito

tempo e quando o crepúsculo matutino clareia o céu, cala-se novamente. O bode segue em direção ao nascente, carregando suas iniquidades até desaparecer das vistas de Erasmo Wagner para nunca

”

mais retornar.

In: Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos

Vernaculum: Para finalizar: Fale um pouco mais sobre *Carvão animal*, livro que será lançado em abril próximo.

Carvão animal se desenvolve numa cidade fictícia chamada Abalurdes. Este trecho publicado na revista Bravo! se passa num crematório. Esta história fala de dois irmãos: Erneste Wesley que é bombeiro, e do seu irmão Ronivon que é cremador de corpos do crematório Colina dos anjos. Eu queria falar sobre o fogo. Eu queria falar sobre a morte. Juntei as duas coisas e eis que escrevi Carvão animal. De todos os meus livros até o momento, acho o mais comovente e belo. É ele que encerra a trilogia A saga dos brutos. Carvão animal se passa dez anos antes de Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos e O trabalho sujo dos outros. Não foi fácil falar sobre a morte. Mas eu falo através de quem lucra com a morte, de quem trabalha com ela e de quem precisa resgatar as pessoas da morte. Novamente retorno ao tema da amizade, do amor fraternal, do perdão, e é claro, homens brutos em ação. Afinal de contas, alguém precisa fazer o trabalho sujo para que toda a sociedade possa seguir politicamente correta.